



XXIX Congresso Brasileiro de Custos
16 a 18 de novembro de 2022
- João Pessoa / PB -



Estudo sobre a estrutura de custos e despesas do setor bancário brasileiro

Cristiano Augusto Forti (UFU) - crforti@gmail.com

Arthur Antonio Silva Rosa (FAGEN/UFU) - arthurasr@hotmail.com

Valeriana Cunha (UFU) - valeriana@ufu.br

Resumo:

O conhecimento da própria estrutura de custos, da estrutura dos concorrentes e dos impactos que esse tópico pode exercer no desempenho da empresa e na qualidade das tomadas de decisão é um assunto importante em qualquer tipo de organização. Neste trabalho, o assunto é estudado em bancos, parte importante do sistema financeiro de um país. O objetivo principal do trabalho é estimar a estrutura de custos e despesas dos bancos investigados e buscar evidências de relação entre esta estrutura e aspectos de desempenho ou de ganhos de escala pelo maior tamanho. Foram extraídas, da base de dados IF do Banco Central, as demonstrações contábeis dos 60 maiores bancos do Brasil entre os anos de 2014 e 2020. A análise estatística foi feita por meio da regressão de dados em painel com efeitos fixos. Na amostra analisada, a média de custos fixos representou 83,78% dos custos totais, enquanto os custos variáveis representaram 16,22% do total. Quando ordenados considerando o retorno sobre o patrimônio líquido, não foi identificada vantagem nem para os bancos com maior custo fixo proporcionalmente ao total, nem para os bancos com menor proporção de custos fixos, indicando que esse não é um fator determinante para a rentabilidade de bancos. Também não foram encontradas evidências de relação do tamanho dos bancos e a estrutura de custos e despesas, sugerindo que, neste sentido, não há vantagens de escala para os maiores bancos. Deve-se destacar o caráter exploratório do estudo, que ainda demanda aprofundamentos e ramificações para que a compreensão do assunto seja aprimorada.

Palavras-chave: *Estrutura de Custo. Custos e Despesas. Regressão dados Painel.*

Área temática: *Métodos quantitativos aplicados à gestão de custos*

Estudo sobre a estrutura de custos e despesas do setor bancário brasileiro.

RESUMO

O conhecimento da própria estrutura de custos, da estrutura dos concorrentes e dos impactos que esse tópico pode exercer no desempenho da empresa e na qualidade das tomadas de decisão é um assunto importante em qualquer tipo de organização. Neste trabalho, o assunto é estudado em bancos, parte importante do sistema financeiro de um país. O objetivo principal do trabalho é estimar a estrutura de custos e despesas dos bancos investigados e buscar evidências de relação entre esta estrutura e aspectos de desempenho ou de ganhos de escala pelo maior tamanho. Foram extraídas, da base de dados IF do Banco Central, as demonstrações contábeis dos 60 maiores bancos do Brasil entre os anos de 2014 e 2020. A análise estatística foi feita por meio da regressão de dados em painel com efeitos fixos. Na amostra analisada, a média de custos fixos representou 83,78% dos custos totais, enquanto os custos variáveis representaram 16,22% do total. Quando ordenados considerando o retorno sobre o patrimônio líquido, não foi identificada vantagem nem para os bancos com maior custo fixo proporcionalmente ao total, nem para os bancos com menor proporção de custos fixos, indicando que esse não é um fator determinante para a rentabilidade de bancos. Também não foram encontradas evidências de relação do tamanho dos bancos e a estrutura de custos e despesas, sugerindo que, neste sentido, não há vantagens de escala para os maiores bancos. Deve-se destacar o caráter exploratório do estudo, que ainda demanda aprofundamentos e ramificações para que a compreensão do assunto seja aprimorada.

Palavras-chave: Estrutura de Custo. Custos e Despesas. Regressão dados Painel.

Área Temática: Métodos quantitativos aplicados à gestão de custos.

1 INTRODUÇÃO

Conhecer a própria estrutura de custos e despesas possibilita entender diversas questões acerca da situação do banco e reunir subsídios para que as decisões sejam tomadas de forma mais acertada. Além do entendimento da própria estrutura, também é importante conhecer a estrutura dos principais competidores. Isso deve ser feito de forma ética, uma vez que o acesso a esses dados pode ser restrito. Diferentes fatores podem impactar a estrutura de custos e despesas tais como curvas de aprendizado, aplicação de tecnologias, nível de utilização de capacidade, complexidade, entre outros. Mais do que o conhecimento da estrutura em si, também é importante entender como ela pode influenciar os resultados do banco, ou ainda, que tipo de estrutura pode proporcionar melhores resultados.

Esta área de pesquisa é útil e importante para qualquer tipo de organização. Neste trabalho, o objeto de estudo são os bancos, entidades que possuem grande representatividade no setor financeiro de uma nação. O setor bancário é fundamental para o bom funcionamento econômico dos países. Hordones e Sanvicente (2021) afirmam que os bancos atuam como condutores da política monetária, operam o sistema de pagamentos e são importante fonte de crédito para famílias, outros bancos

e governos, desempenhando papel crucial na economia. É notória a alta concentração bancária brasileira. Uma pesquisa do Dieese (2021) aponta que o total dos ativos das cinco maiores instituições bancárias do país atingiu, em 31 de dezembro de 2020, R\$ 7,9 trilhões.

Diante desse contexto, algumas questões instigaram o desenvolvimento desta pesquisa. **Como a estrutura de custos e despesas afeta o resultado de empresas do setor bancário? Os maiores bancos possuem vantagens de escala?** Assim, a base desta pesquisa é entender a relação entre a estrutura de custos e despesas e o desempenho de empresas bancárias. Diversos autores, dentre os quais Matos et al. (2022), Corrêa, Paula e Silva (2019) destacam a importância da gestão de custos e de como o estudo acerca da estrutura de custos e despesas pode ter influências consideráveis no desempenho das organizações. Figueiredo e Araújo (2021) defendem que a boa gestão de custos proporciona segurança e suporte na tomada de decisão, com condições e ferramentas para executar as negociações que trazem benefícios para as empresas.

A partir de demonstrações contábeis extraídas da base de dados IFT do Banco Central, utilizando modelagem econométrica, o objetivo principal do trabalho é **estimar a estrutura de custos e despesas dos bancos investigados e buscar evidências de relação entre esta estrutura e aspectos de desempenho ou de ganhos de escala pelo maior tamanho, justificativa muitas vezes utilizada para justificar operações de M&A.**

Para desenvolver esta pesquisa, na parte 2 deste artigo, é apresentado o embasamento teórico que permeia os assuntos necessários ao desenvolvimento do estudo, quais sejam: custos e despesas fixos e variáveis e estrutura de custos e despesas. Além disso, deve-se entender o percurso metodológico, o processo de desenho da amostra e o tipo de modelo utilizado, descritos na parte 3. A parte 4 traz a discussão dos resultados e, por fim, têm-se as considerações finais na parte 5 e as referências utilizadas.

2 REFERENCIAS TEÓRICAS

2.1 Custos e Despesas: conceito e classificações

Os custos de uma empresa estão relacionados aos gastos realizados para manter as atividades de produção de bens ou serviços. Já as despesas estão relacionadas aos gastos necessários para a realização dos processos administrativos das companhias. Nesse sentido, o somatório de todos os gastos realizados pelas empresas para manter suas atividades em termos do processo de produção ou da administração da companhia, consiste no valor total de custos e despesas que ela possui, e esses possuem comportamentos próprios (Martins & Rocha, 2010; Richartz & Ensslin, 2014).

As decisões sobre custos devem ser realizadas de forma estratégica pelos gestores, tendo em vista que essas decisões estão relacionadas com a lucratividade da empresa e com a maximização do valor para o acionista. Nesse sentido, mostra-se relevante que gestores monitorem as informações referentes aos custos das companhias, acompanhando-os e buscando otimizá-los a fim de manter os resultados da empresa conforme as expectativas (Oliver, 2004; Blocher, Chen, Cokins & Lin, 2007; Martins & Rocha, 2010; Richartz & Ensslin, 2014).

Os custos e despesas de uma empresa podem ser classificados como fixos e variáveis. Sendo assim, os custos variáveis (CV) se referem aos gastos realizados

pela empresa, no contexto do processo fabricação dos seus produtos, e que variam de acordo com as alterações no volume de produção ou prestação de serviços, de forma que aumentos na produção estão associados à elevação dos custos variáveis, como exemplo, os custos referentes à utilização de matéria-prima e da mão-de-obra direta (Martins, 2010; Martins & Rocha, 2010).

Por outro lado, os custos fixos (CF), independentemente do volume de produtos produzidos por determinada empresa, eles permanecerão os mesmos, como exemplo, o custo referente ao aluguel das instalações da fábrica. Já em relação às despesas, da mesma forma que os custos, elas também podem ser fixas ou variáveis. Nesse sentido, as despesas variáveis (DV) possuem oscilações conforme o volume de vendas, por exemplo, as despesas com o transporte referente às vendas realizadas ou os impostos que incidem sobre as vendas. E as despesas fixas (DF), independentemente da quantidade produzida, não possuem variação, como o salário dos gestores (Martins, 2010; Martins & Rocha, 2010).

Dessa forma, além da variação ou não de acordo com o nível de produção, os custos e despesas variáveis se diferenciam pelo fato de que os custos variáveis podem ser identificados a partir da unidade dos produtos, enquanto as despesas variáveis, por meio da estrutura da empresa. E ainda, os custos variáveis estão relacionados à tomada de decisões atuais dos gestores, no entanto, as despesas variáveis se relacionam com decisões tomadas anteriormente, de forma que ambas as decisões devem ser priorizadas pelos gestores por estarem relacionadas à lucratividade (Guerreiro, 2006; Martins, 2010).

E os custos e despesas também possuem relação a assimetria. De acordo com Anderson, Banker e Janakiraman (2003), por exemplo, no contexto da teoria Sticky Costs, para aumentos nas vendas, as despesas administrativas, as gerais, tendem a aumentar. No entanto, destacam que quando as vendas diminuem, a redução das despesas citadas tende a ocorrer em uma menor intensidade, e assim, indicando assimetria nas variações. Medeiros, Costa e Silva, no contexto brasileiro, constataram que o modelo de assimetria dos custos se aplica parcialmente nesse país, resultado que posteriormente foi confirmado por Richartz e Borgert (2014), também quanto ao Brasil e por Costa, Marques, Santos e Lima (2013) no contexto da América Latina.

E ainda, Richartz, Borgert e Lunkes (2014), quanto as empresas de capital aberto, investigaram a relação dos gastos com mão de obra e dos custos fixos com assimetria do total de custos das empresas brasileiras. Segundo os autores, aumentos na receita líquida de vendas tendem a aumentar os custos totais das empresas. Além disso, apontam que gastos com mão de obra não apresenta relação com a assimetria dos custos totais para as empresas que possuem maiores níveis desse tipo de gasto. No entanto, destacam que os custos totais, para as empresas com menores níveis de gastos com mão de obra, tendem a apresentar uma maior variabilidade do total de custos da firma. Também indicam que as empresas que possuem uma maior proporção de custos fixos em relação ao custo total da empresa, tendem a apresentar uma maior assimetria dos custos, no caso das empresas com maiores níveis de mão de obra.

E embora a literatura sobre custos e despesas no setor bancário seja escassa, há evidências de que os bancos que são financiados por capital próprio e que aumentam a sua diversificação, tendem a aumentar os seus custos de monitoramento. E esses custos de monitoramento tendem a aumentar de acordo com o tamanho do banco, dessa forma, limitando o tamanho ótimo do banco. Além disso, uma maior especialização de empresas desse setor está associada a redução dos custos de monitoramento devido aos ganhos de eficiência (Cerasia & Daltung, 2000).

2.2 Desempenho econômico-financeiro e estrutura de custos e despesas

Além da relevância apresentada de os gestores analisarem o comportamento dos custos e despesas (Martins & Rocha, 2010; Richartz & Ensslin, 2014), também é importante se considerar a sua estrutura, que se apresenta um desafio para os gestores. Sendo assim, entende-se que estrutura de custos e despesas de uma companhia é a proporção de CV e CF em relação aos custos totais (CT). Com isso, cabe aos gestores determinar a combinação dos tipos de custos, tendo em vista que essa estrutura também está relacionada ao risco operacional da companhia e também, com os seus resultados (Horngren, Sundem & Stratton, 2004; Guerra, Rocha & Corrar, 2007; Martins & Rocha, 2010).

Além disso, a definição da estrutura de custos e despesas também possui relação com a definição do preço venda e assim influenciando a quantidade de vendas da companhia, de acordo com o perfil do seu público alvo. Ademais, maiores proporções de custos fixos na estrutura estão associadas a um maior grau de alavancagem operacional, já um maior volume de custos variáveis, tende a diminuí-lo, de forma que a alavancagem operacional reflete de que forma os custos fixos afetam os resultados da empresa, considerando a margem de contribuição (MC) e volume de vendas da empresa (Horngren et al., 2004; Horngren, Datar & Foster, 2004; Martins, 2010).

Já em relação ao desempenho econômico-financeiro, consiste em indicadores, baseados em informações contábeis, o que permite a análise do desempenho da companhia por gestores, investidores ou demais partes interessadas. Nesse sentido, diversos indicadores são utilizados pela literatura a fim de avaliar o desempenho econômico-financeiro das empresas, como Margem Operacional, calculada pelo lucro operacional sobre a receita operacional, o Retorno sobre o Ativo, calculado pela razão entre o lucro líquido e o ativo total e o Retorno sobre o Patrimônio Líquido, calculado pelo lucro líquido sobre o patrimônio líquido (Matarazzo, 2010; Pinheiro, 2016).

Assim, selecionou-se, para esta pesquisa, o Retorno sobre o Patrimônio Líquido ou *Return on Equity* (ROE) como variável *proxy* para o desempenho econômico-financeiro, uma vez que os bancos enfatizam o ROE como meta de desempenho, conforme destacam Pennacchi e Santos (2021). Essa escolha também está embasada nos estudos de Salim e Yadav (2012) e Abdallah e Bahloul (2021), uma vez que o índice indica a rentabilidade obtida pelos bancos em relação ao patrimônio líquido.

O ROE pode ser obtido a partir da seguinte fórmula apresentada na expressão (1):

$$\text{Return on Equity (ROE)} = \frac{\text{Lucro líquido}}{\text{Patrimônio líquido}} \quad (1)$$

3 METODOLOGIA

A amostra foi composta por bancos brasileiros, sendo que os dados econômico-financeiros utilizados foram coletados no site do Banco Central do Brasil, diretamente na Base IF.Data. O período de análise consistiu nos anos de 2014 a 2020. O último em virtude de 2021 ainda não estar disponível e o primeiro pela mudança de formato

da base de dados. O universo do estudo foi composto pelos 60 maiores bancos com um total de 300 observações. Destes, alguns apresentaram valores nulos em alguma das variáveis necessárias e a amostra real ficou com 58 bancos e 296 observações.

A metodologia desse trabalho foi baseada nos estudos de Souza, Rocha e Souza (2010) que estudaram empresas do setor de energia elétrica que estimaram a estrutura de custos e despesas em termos de fixos e variáveis para verificar sua relação com o desempenho. A referência de um trabalho de um setor não bancário se dá pela falta de uma metodologia específica. O setor é altamente regulado, o que aponta para estruturas de custos fixos menos flexíveis segundo a teoria dos *Sticky Costs*. Portanto a utilização da abordagem clássica de que os custos variáveis são uma função das receitas enquanto os custos fixos são função da sua estrutura. Em um ambiente competitivo, pois existem dezenas de bancos, pode-se inferir que existe uma busca constante por uma estrutura de custos de máxima eficiência. Selecionou-se a maior quantidade possível de bancos com dados disponíveis, sem distinção, e os *outliers* não foram excluídos.

Considerou-se como Custos e Despesas Totais (CDT) dos bancos a soma das despesas administrativas, despesas com folha de pagamentos e outras despesas operacionais. Os custos financeiros de captação não foram considerados. Essas variáveis representam os custos e despesas operacionais constantes nos demonstrativos de resultados dos bancos. Essa será a variável dependente do modelo.

As variáveis explicativas foram: a receita líquida total (RTotal), como proxy do volume de atividades e o ativo imobilizado (Imobi), representando a participação dos custos e despesas fixas no custo e despesa total, visto que está relacionado com a estrutura do banco e não varia conforme a quantidade produzida (SOUZA, 2010).

Por se tratar de valores absolutos e que não possuem distribuição normal, utilizou-se o logaritmo neperiano das variáveis consideradas no modelo no intuito de linearizar e normalizar os valores (SHANK; GOVINDARAJAN, 1993).

O método estatístico utilizado foi a análise de dados em painel, sendo realizados os testes de *Variance Inflation Fator* (VIF), o qual constatou que o modelo não apresenta problema de multicolinearidade e o de *Wooldridge* que não indicou a presença de autocorrelação (STOCK; WATSON, 2004). Para evitar problemas de heterocedasticidade foi aplicada a correção de White.

Em uma primeira simulação, a variável representando o ativo imobilizado não apresentou significância estatística, decidiu-se por excluir essa variável e rodar novamente o modelo.

A função custo será representada pela equação $CDT_{it} = \beta_0 + \beta_1 RTotal_{it} + \beta_2 F_i + \varepsilon$, onde CDT é o custo e despesa total, β_0 é o intercepto, $\beta_1 RTotal_{it}$ é o efeito estimado da variável Receita Líquida, $\beta_2 F_i$ é o efeito não observado que varia entre as entidades mas é constante para a mesma entidade ao longo do tempo e representa a especificidade deste indivíduo. ε representa o termo de erro. Esse modelo, conhecido como Efeitos Fixos possui um intercepto para cada entidade representado pela soma de β_0 e $\beta_2 F_i$. i e t representam o indivíduo e o tempo respectivamente.

Dessa forma, a parcela dos custos e despesas fixas (CDF) foi calculada pelo intercepto individual do modelo, representado pela soma do geral com o individual de cada banco. E o custo e despesa variável (CDV) foi calculado pela variação da receita líquida. A título de demonstração do método, parte dos resultados da regressão estão demonstrados na tabela 1.

Tabela 1

Resultados da Regressão do Modelo de Efeitos Fixos.

Variável Dependente: CDT	
Variável independente	Coefficientes (teste t)
RTotal	0.1443* (1.97)
Bradesco	0.0000 (.)
Itau	-0.0062 (-0.53)
Safra	-1.9380*** (-13.48)
JP Morgan Chase	-3.0903*** (-11.48)
Mercantil do Brasil	-3.0652*** (-11.15)
Banestes	-3.5629*** (-12.31)
Barrisul	-2.0747*** (-11.31)
BMG	-2.8158*** (-11.74)
Santander	-0.6600*** (-21.29)
Citibank	-2.3716*** (-11.14)
Credit Suisse	-2.8397*** (-11.36)
Paraná Banco	-4.3016*** (-12.60)
Banco Pan	-2.2988*** (-11.04)
Societe Generale	-4.3888*** (-14.82)
BRB	-2.8757*** (-10.36)
CCB	-4.0808*** (-14.75)
ABC Brasil	-4.2123*** (-15.57)
Banco do Brasil	-0.0355*** (-2.80)
BTG Pactual	-2.3552*** (-12.74)
...(retirados alguns resultados para redução da tabela)	
Banco Regional de Desenv.	-4.3968*** (-13.51)
Constante	14.1617*** (10.80)
Bancos	58
Observações	296
r ² ajustado	0.9847
LI	65.2816

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: Variáveis: CDT: logaritmo da despesa e custo total; e RTotal: logaritmo da receita líquida total. As demais variáveis representam dummies para cada um dos bancos e representam o intercepto individual de cada. Todos os bancos da amostra apresentaram intercepto individual com significância estatística a 0,01, exceto o Banco Itaú. * p<0.1, ** p<0.05, *** p<0.01.

Em seguida calculou-se o percentual de custos e despesas fixas de cada banco, utilizando-se o intercepto individual e o coeficiente angular. O valor estimado foi calculado utilizando a equação de regressão. Na tabela 2, segue exemplo do Banco Safra.

Conforme mencionado, o CDF é representado pelo intercepto do modelo (geral + individual) e o CDV é a diferença do CDT menos o CDF. O percentual de cada um é calculado pela divisão de ambos pelo CDT. No exemplo do Banco Safra, os custos fixos médios foram estimados em 84,19% e os custos variáveis médios em 15,81%.

Dessa forma, foi gerada uma tabela para cada banco e para todos os anos considerados na análise para se estimar a estrutura média de custos e despesas, fixos e variáveis. A soma de todos os percentuais dividido pelo número de anos é o Custo Fixo Médio e Custo Variável Médio do banco, respectivamente, conforme pode ser observado na tabela 3. Salienta-se que alguns bancos não apresentaram dados para todos os anos, o que não impacta o cálculo da média que considerou a quantidade de anos ativos para cada um. A média de custos fixos de todos os bancos foi de 83,78% e dos custos variáveis foi de 16,22%.

Tabela 2

Exemplo do cálculo de custos e despesas fixos e variáveis do banco Safra.

ANO	RTOTAL	INTER. IND	C.A. RECEITA	CDT	CDF	CDV	CDF (%)	CDV (%)
2014	15.809	12.224	0.14429	14.505	12.224	2.281	84.27%	15.73%
2015	16.093	12.224	0.14429	14.546	12.224	2.322	84.04%	15.96%
2016	16.109	12.224	0.14429	14.548	12.224	2.325	84.02%	15.98%
2017	15.888	12.224	0.14429	14.516	12.224	2.292	84.21%	15.79%
2018	15.910	12.224	0.14429	14.519	12.224	2.295	84.19%	15.81%
2019	15.919	12.224	0.14429	14.521	12.224	2.297	84.18%	15.82%
2020	15.623	12.224	0.14429	14.478	12.224	2.254	84.43%	15.57%
Média							84.19%	15.81%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: Variáveis: RTotal: logaritmo da receita líquida total. INTER. IND: Intercepto individual, representa o intercepto da equação mais o intercepto individual. No caso do Banco Safra = 14.1617 – 1.9380. C.A.Receita é o coeficiente angular da receita da equação. CDT é o valor estimado dos Custos e Despesas Totais de acordo com a equação. CDF é o custo e despesa fixa cujo valor é o intercepto individual. CDV é o custo e despesa variável que é calculado pela multiplicação do coeficiente angular pela receita total para cada ano. CDF(%) e CDV(%) representam o percentual de cada em relação ao total de CDT. Média representa a média aritmética de todos os anos para CDF(%) e CDV(%).

Tabela 3

Custos fixos e variáveis médios para cada banco.

Nome	CDF (%)	CDV (%)	Nome	CDF (%)	CDV (%)
BANCO IBM	79.63%	20.37%	BRABESCO	84.60%	15.40%
ING	80.34%	19.66%	MORGAN STANLEY	84.60%	15.40%
BANCO SUMITOMO	81.63%	18.37%	BRB	84.74%	15.26%
BNDES	81.66%	18.34%	ORIGINAL	84.79%	15.21%
BANCO TOYOTA	82.68%	17.33%	HSBC	84.84%	15.16%
BANCO RABOBANK	82.70%	17.30%	BANCO DA AMAZONIA	84.97%	15.03%
CREDIT AGRICOLE	82.75%	17.25%	CIELO	84.98%	15.03%
HAITONG	82.82%	17.19%	BANCO DO NORDESTE	85.03%	14.97%
BANCO VOLKSWAGEN	82.85%	17.15%	INTER	85.45%	14.55%
BANCOOB	82.88%	17.12%	XP	86.24%	13.76%
Média de todos os bancos				83,78%	16,22%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: Esta tabela apresenta dados de 20 dos 58 bancos devido a questões de espaço no artigo. Contudo selecionou-se os 10 bancos com maiores CDF(%) e os 10 bancos com menores CDF(%) para melhor entendimento do leitor.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Em uma análise descritiva preliminar, a tabela 4 apresenta uma seleção dos 10 bancos com maiores custos e despesas fixas (CDFs) e 10 bancos com os menores CDFs. O objetivo seria verificar se nos extremos podemos encontrar os 5 maiores bancos brasileiros identificando assim um padrão de estrutura ótimo que seria

utilizado por estas entidades que concentram praticamente 90% de todos os ativos do mercado financeiro brasileiro.

Tabela 4

Bancos em ordem de Custos e Despesas Fixas.

#	Nome	CDF (%)	CDV (%)	ROE
1	BANCO IBM	79.63%	20.37%	1.62%
2	ING	80.34%	19.66%	5.46%
3	BANCO SUMITOMO MITSUI	81.63%	18.37%	8.51%
4	BNDES	81.66%	18.34%	8.88%
5	BANCO TOYOTA DO BRASIL	82.68%	17.33%	7.07%
6	BANCO RABOBANK INTERNATIONAL	82.70%	17.30%	5.90%
7	CREDIT AGRICOLE	82.75%	17.25%	2.67%
8	HAITONG	82.82%	17.19%	-1.01%
9	BANCO VOLKSWAGEN	82.85%	17.15%	9.73%
10	BANCOOB	82.88%	17.12%	4.71%
MÉDIA GRUPO BAIXO CDF		81.99%	18.01%	5.35%
50	BRADESCO	84.60%	15.40%	7.83%
51	MORGAN STANLEY	84.60%	15.40%	7.13%
52	BRB	84.74%	15.26%	10.15%
53	ORIGINAL	84.79%	15.21%	0.46%
54	HSBC	84.84%	15.16%	-6.85%
55	BANCO DA AMAZONIA	84.97%	15.03%	6.08%
56	CIELO	84.98%	15.03%	17.97%
57	BANCO DO NORDESTE DO BRASIL	85.03%	14.97%	12.12%
58	INTER	85.45%	14.55%	0.07%
59	XP	86.24%	13.76%	5.80%
MÉDIA GRUPO ALTO CDF		85.02%	14.98%	6.08%

Fonte: Dados da pesquisa

Inicialmente, pode-se observar que os bancos do grupo com menores custos fixos, média de ~82% e ROE de 5,35% enquanto os bancos do grupo com maiores custos fixos com média 85% possuem um ROE maior, 6% em média. Os valores são muito próximos, mas podem indicar uma relação entre maiores custos fixos com retorno. Dentre os maiores bancos, apenas o Bradesco, na posição 50, se encontra na lista que possui como líderes nos extremos o Banco IBM com os menores custos fixos e a XP com o maior percentual de custos fixos em relação ao total de custos. Portanto, a princípio, não há evidência que estar nos extremos possa ser positivo ou negativo, visto que os bancos “vencedores” não estão agrupados nestas posições.

Outro aspecto relevante de ordem descritiva é a tendência de aumento da proporção dos custos fixos em relação aos custos totais dos bancos brasileiros. A Figura 1 apresenta a média aritmética ano a ano dos bancos da amostra e pode-se observar claramente uma tendência de aumento com o passar dos anos.

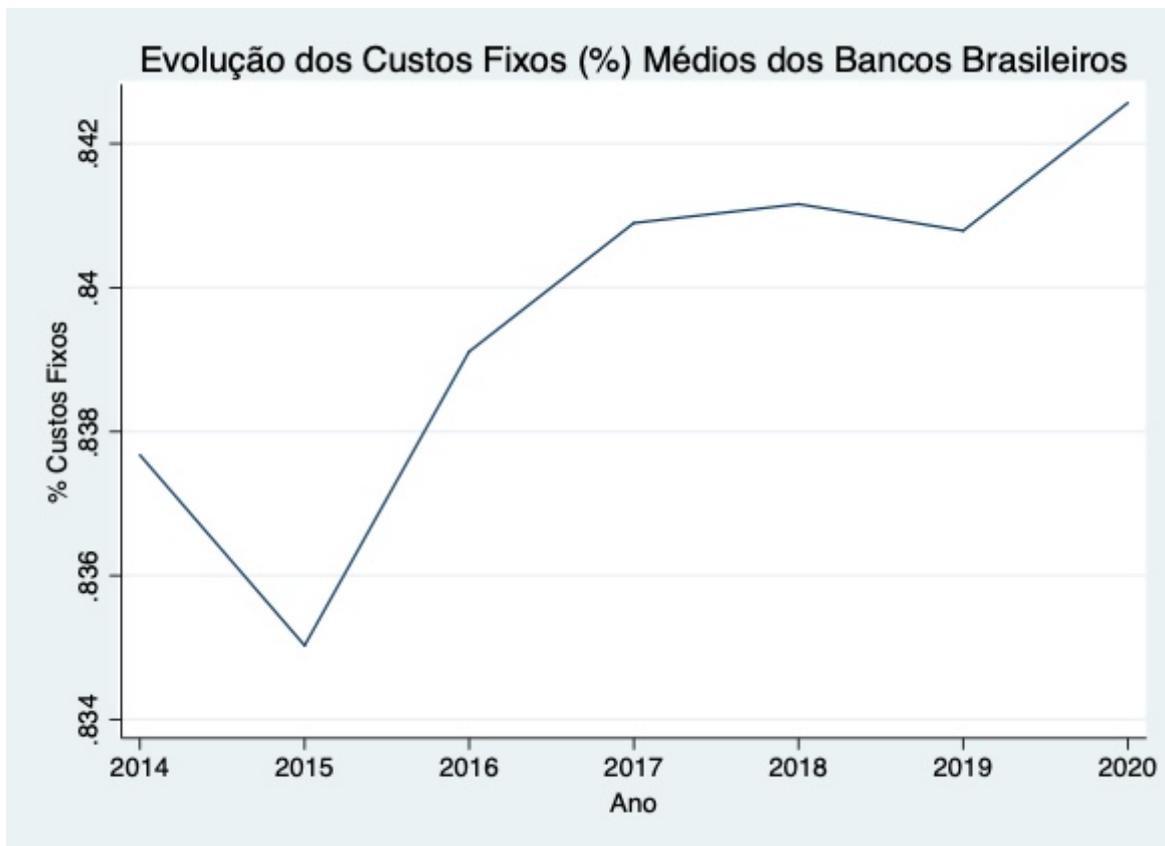


Figura 1. Evolução dos Custos Fixos em % anualmente.

Fonte: Dados da pesquisa.

Uma vez que o objetivo deste trabalho consiste em responder às duas questões de pesquisa: (a) se estrutura de custos e despesas afeta o resultado do Banco e (b) se maiores bancos possuem vantagens de escala em relação aos menores, procedeu-se uma análise dos Custos e Despesas Fixos (CDFs) em relação ao ROE (Retorno sobre o Patrimônio Líquido) e uma análise dos CDFs em relação ao tamanho dos bancos (medido pelo seu Ativo Total). A tabela 5 apresenta a lista dos 10 bancos com maiores ROE e dos 10 bancos com menores ROE com as respectivas estruturas de Custos e Despesas Fixos e Variáveis.

O grupo dos bancos com maior ROE possui média de 12,84% e com custo fixo médio de 84,3% enquanto o grupo de bancos com o menor ROE apresenta média de -4,17% e custos fixos de 83,8%. A diferença muito pequena entre as estruturas de CDF's nos faz negar a hipótese de que a estrutura de custos afeta ou determina o resultado. Não há evidências de uma relação entre o ROE do banco e sua estrutura de custos fixos. Outro aspecto importante é que dentre o maiores e menores ROE, apenas a Caixa Econômica Federal foi classificada entre os 10 melhores, dentre os bancos “vencedores” do sistema financeiro nacional.

Tabela 5

Listagem dos Bancos agrupados em Ordem de ROE

#	Nome do Banco	CDF (%)	CDV (%)	ROE
1	CIELO	84.98%	15.03%	17.97%
2	BANCO DO ESTADO DO PARÁ	84.58%	15.42%	17.36%
3	PORTO SEGURO	84.11%	15.89%	15.33%
4	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	84.42%	15.58%	13.91%
5	BANCO DO NORDESTE DO BRASIL	85.03%	14.97%	12.12%
6	DAYCOVAL	83.79%	16.21%	11.30%
7	BANCO CSF	84.57%	15.43%	10.85%
8	BRB	84.74%	15.26%	10.15%
9	BANCO VOLKSWAGEN	82.85%	17.15%	9.73%
10	BTG PACTUAL	84.21%	15.79%	9.70%
MÉDIA GRUPO ALTO ROE		84.33%	15.67%	12.84%
50	BANCO HSBC	83.55%	16.45%	1.59%
51	PINE	82.95%	17.05%	0.78%
52	ORIGINAL	84.79%	15.21%	0.46%
53	INTER	85.45%	14.55%	0.07%
54	SOCIETE GENERALE	83.05%	16.95%	-0.43%
55	HAITONG	82.82%	17.19%	-1.01%
56	BANCO FIBRA	83.76%	16.25%	-5.86%
57	HSBC	84.84%	15.16%	-6.85%
58	BDMG	83.21%	16.79%	-8.67%
59	CCB	83.21%	16.79%	-21.73%
MÉDIA GRUPO BAIXO ROE		83.76%	16.24%	-4.17%

Fonte: Dados da pesquisa

Para responder à questão da busca por eficiência e ganhos de escala na estrutura de custos dos maiores bancos brasileiros, a tabela 6 a seguir, apresenta os dados agora classificados em ordem de tamanho dos bancos.

O grupo dos maiores bancos possui custo fixo maior 84,1% e ROE também maior, de 6,98% enquanto os bancos do grupo dos menores possuem custos fixos de 82,98% e ROE menor de 4,4%. Portanto não há evidências que os grandes bancos possuam ganhos de escala em seus custos estruturais que criem uma vantagem competitiva. Ao contrário, os seus custos são proporcionalmente maiores, e mesmo assim possuem ROE maior. Essa pode ser uma evidência a ser investigada em outros trabalhos de que bancos devem ter mais custos fixos do que variáveis, devido aos seus enormes níveis de atividades. Dentre o grupo dos maiores bancos brasileiros, o Banco BNDES, o maior banco de investimentos e fomento do país destoa em seus níveis de custos fixos de 81,66% enquanto os demais 9 bancos do grupo apresentam custos fixos ao redor de 84%. Esta diferença se dá pela forma de atuação deste banco que não atua no setor de varejo e não possui correntistas, atuando somente como banco de investimentos e utilizando a estrutura de outros bancos para acessar seus clientes.

Tabela 6

Listagem dos Bancos agrupados em Ordem de Tamanho

#	Nome	CDF (%)	CDV (%)	ROE	Tamanho
1	BB	84.44%	15.56%	7.16%	21.08
2	ITAU	84.48%	15.52%	8.52%	21.08
3	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	84.42%	15.58%	13.91%	20.95
4	BRADESCO	84.60%	15.40%	7.83%	20.79
5	BNDES	81.66%	18.34%	8.88%	20.55
6	SANTANDER	84.29%	15.71%	6.93%	20.43
7	BTG PACTUAL	84.21%	15.79%	9.70%	19.01
8	HSBC	84.84%	15.16%	-6.85%	18.96
9	SAFRA	84.19%	15.81%	9.34%	18.90
10	VOTORANTIM	83.88%	16.12%	4.34%	18.45
MÉDIA GRUPO MAIOR TAMANHO		84.10%	15.90%	6.98%	20.02
50	HAITONG	82.82%	17.19%	-1.01%	15.81
51	BANCO FIBRA	83.76%	16.25%	-5.86%	15.79
52	BDMG	83.21%	16.79%	-8.67%	15.75
53	BANCO IBM	79.63%	20.37%	1.62%	15.71
54	BANCO DO ESTADO DO PARÁ	84.58%	15.42%	17.36%	15.68
55	BANCO SUMITOMO MITSUI	81.63%	18.37%	8.51%	15.60
56	BANCO TOYOTA DO BRASIL	82.68%	17.33%	7.07%	15.58
57	PORTO SEGURO	84.11%	15.89%	15.33%	15.56
58	PARANÁ BANCO	83.80%	16.20%	5.14%	15.55
59	BANCO DE LAGE LANDEN BRASIL	83.62%	16.38%	4.54%	15.55
MÉDIA GRUPO MENOR TAMANHO		82.98%	17.02%	4.40%	15.66

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A variável Tamanho se encontra em escala logarítmica.

5 CONCLUSÃO

O objetivo principal deste trabalho é estimar a estrutura de custos e despesas dos bancos investigados e buscar evidências de relação entre esta estrutura e aspectos de desempenho ou de ganhos de eficiência ou escala pelo maior tamanho, argumento muitas vezes utilizado para justificar operações de M&A.

A amostra do estudo foi coletada diretamente no site do Banco Central do Brasil e consistiu dos 60 maiores bancos brasileiros dentre os anos de 2014 e 2020. Como metodologia, utilizou-se a regressão de dados em painel com efeitos fixos, com objetivo de se encontrar a parcela dos custos fixos e dos custos variáveis de cada um dos bancos

Como resultado, identificou-se que dentre os bancos da amostra, a média de custos fixos é de 83,78% dos custos totais, enquanto os custos variáveis representam 16,22% do total. O banco com maior e menor percentual possuem 86,24% e 79,63% respectivamente de custos fixos em relação aos custos totais, uma diferença de 12,5% entre o maior e o menor.

Quando ordenados pelo ROE (retorno sobre o Patrimônio Líquido), do maior para o menor, não se identificou uma vantagem nem para os bancos com maior custo fixo proporcionalmente ao total, nem para os bancos com menor proporção de custos fixos, indicando que esse não seja um fator determinante para a rentabilidade de bancos da amostra. A diferença de ROE entre os grupos com maior e menor ROE foi de 17% enquanto a diferença dos custos fixos entre os grupos foi de apenas 0,57%, valor considerado muito baixo para fomentar uma verificação mais robusta como um teste de diferenças ou uma regressão.

A investigação de ligação entre o Tamanho e benefícios na proporção dos custos totais também não encontrou uma relação entre estas variáveis. Enquanto o valor de ativos totais dos bancos maiores é centenas de vezes superior do que os menores bancos, as estruturas de custos fixos entre os grupos foram de 84,1% para os grandes e 82,98% para os pequenos. Se houvesse uma vantagem de escala, seria esperado um valor inferior para os bancos de maior tamanho quando comparados com os menores. Portanto, não há evidências de ganhos de escala na proporção de custos fixos e variáveis para grandes bancos brasileiros da amostra.

Como limitações deste trabalho podemos destacar a falta de teorias consolidadas sobre um modelo para determinar a proporção dos custos fixos em bancos e sobre quais seriam as variáveis de controle mais adequadas para o estudo. Também consideramos uma limitação que os bancos foram agrupados sem distinção de sua finalidade, como os bancos de fomento e empresas notadamente de investimentos e meios de pagamentos (XP e Cielo).

Como sugestões de trabalhos complementares, verificar se existe um comportamento assimétrico dos custos fixos em momentos de aumento ou redução de receitas.

REFERÊNCIAS

- Abdallah, M. B., & Bahloul, S. (2021). Disclosure, Shariah governance and financial performance in Islamic banks. *Asian Journal of Economics and Banking*, 5(3), 234-254.
- Anderson, M. C., Banker, R. D., & Janakiraman, S. N. (2003). Are selling, general, and administrative costs “sticky”? *Journal of accounting research*, 41(1), 47-63.
- Blocher, E. J.; Chen, K. H.; Cokins, G.; Lin, T. W. (2007). *Gestão estratégica de custos* (3ªed.). São Paulo: McGraw-Hill.
- Cerasi, V., & Daltung, S. (2000). The optimal size of a bank: Costs and benefits of diversification. *European Economic Review*, 44(9), 1701-1726.
- Corrêa, V. L. L.; Paula, S. C. N.; Silva, A. (2019). A Contabilidade de Custos e seu destaque na gestão. *Revista Eletrônica Organizações e Sociedade*, 8(9), 125-139.
- Costa, P. S., Marques, A. V. C., Santos, C. K. S., & Lima, F. D. C. (2013). Análise do comportamento assimétrico dos custos nas companhias abertas dos países da América latina. *Anais do Congresso Brasileiro de Custos-ABC*, Uberlândia, MG, Brasil.

- Dieese. Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. (2021). *Desempenho dos Bancos em 2020*. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/desempenhodosbancos/2021/desempenhoDosBancos2021.html>. Acesso em: 12/08/2022
- Figueiredo, F. S. Araújo, A. C. M. (2021). A estrutura de custos em uma indústria frigorífica de bovinos localizada na cidade de Castanhal-Pará. *Brazilian Journal of Development*, 7(11), 102831-102849.
- IF.data. Banco Central do Brasil. (2022). Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/ifdata/>. Acesso em: 03/04/2022.
- Guerra, A. R., Rocha, W., & Corrar, L. J. (2007). Análise do impacto das variações de receitas nos lucros das empresas com diferentes estruturas de custos. *Revista de Administração-RAUSP*, 42(2), 227-238.
- Guerreiro, R. (2006). *Gestão do Lucro*. São Paulo: Atlas.
- Hordones, C.; Sanvicente, A. Z. (2021). Estrutura, poder de mercado e rentabilidade: evidências do setor bancário na América Latina. *Revista Contabilidade & Finanças – USP*, 32(85), 126-142.
- Hornigren, C. T., Datar, S. M., & Foster, G. (2004). *Contabilidade de custos: uma abordagem gerencial*. São Paulo: Pearson.
- Hornigren, C. T., Sundem, G. L., & Stratton, W. (2004). *Contabilidade Gerencial*. São Paulo: Prentice-Hall
- Martins, E. (2010). *Contabilidade de custos* (10ªed.). São Paulo: Atlas.
- Martins, E.; Rocha, W. (2010). *Métodos de custeio comparados: custos e margens analisados sob diferentes perspectivas*. São Paulo: Atlas.
- Matarazzo, D. C. (2010). *Análise Financeira de Balanços*(7ªed.). São Paulo: Atlas.
- Matos, C. L. da S.; Lopes, M. C de A.; Carneiro, E. S.; Silva, A. C. da. (2022). A importância da gestão de custos para as cooperativas da agricultura familiar. *Cadernos Macambira*, 7(especial).
- Oliver, L. (2004). *Designing strategic cost systems: how to unleash the power of cost information*. New Jersey: John Wiley & Sons Inc.
- Pennacchi, GG, & Santos, JA (2021). Por que os bancos visam o ROE?. *Journal of Financial Stability*, 54(1), 1-19.
- Pinheiro, J. L. (2016). *Mercado de capitais* (8ªed.). São Paulo: Atlas.
- Richartz, F., & Borgert, A. (2014). O comportamento dos custos das empresas brasileiras listadas na BM&FBOVESPA entre 1994 e 2011 com ênfase nos sticky costs. *Contaduría y administración*, 59(4), 39-70.

Richartz, F., Borgert, A., & Lunkes, R. J. (2014). Comportamento assimétrico dos custos nas empresas brasileiras listadas na BM&FBovespa. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 339-361.

Salim, M., & Yadav, R. (2012). Capital structure and firm performance: Evidence from Malaysian listed companies. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 65(1), 156-166.

Shank, J. K., Govindarajan, V. (1993). *Strategic Cost Management – The new tool for competitive advantage*. New York: The Free Press.

Souza, B.C., Rocha W., Souza, P. S. (2010). Desempenho econômico superior: um estudo sobre a estrutura de custos e despesas do setor de energia elétrica. *Anais do Congresso Brasileiro de Custos*, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Stock, James H.; Watson, Mark, W. (2004). *Econometria*. São Paulo, Pearson.